

Journal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis á entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 24500 réis; Semestre ou 26 numeros 12300 rs.; trimestre ou 13 numeros 700 rs.; avulso 60 rs.

—ANNO II—12 DE NOVEMBRO DE 1882—N.º 38—

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAIO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 78000 réis; semestre ou 26 numeros 48000 rs.; trimestre ou 13 numeros 28000 rs.; avulso 200 rs.

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. Lino & Faro, Rua do Ouvidor.

SUMMARY

GRAVURAS: — O Khediva Tenfik-pachá. Um adello musulmano. Um momento de distracção. Cavallos bravos atacados por lobos nas steppes da Russia
TEXTOS:—Actualidades, por Gomes da Silva. As nossas gravuras, por P. C. Horas d'ocio.
A ultima paixão de Vicente Prostes, por Fialho d'Almeida. O archote de Penmare'h, por Julio de Magalhães. D. Evornia

ACTUALIDADES

Quantas vezes eu penso que ainda chegará o tempo em que o Kalendario lisbonense, como se tal nome pesasse na consciencia affacinha com todo o horror de uma recordação triste, lugubre, funeraria, deixará de incluir na relação dos mezes—este *Novembro*, nublado, chuvoso, frio, cheio de dobras e de saudades!

Parece que como as arvores que se esfolham nas alamedas, secam, caem e voam n'um redomoinho vertiginoso as existencias mais preciosas d'esta geração que ama, trabalha e pensa.

Novembro é um grande dia de finados; na voz do vento que açouta os fios telegraphicos e que assobia nas arestas dos sinos das torres altas e vistosas, escuta-se o *de profundis* sepulchral, sob as abobadas de um templo; no gelo que branqueia e contorna a cabeça esqueletica das arvores, affirma-se a velhice da natureza, que nós vimos esplendida com o seu apreciavel matiz; nos castellos sombrios, negros, que erguem as suas ameias de crepe entre o sol e a terra, vemos o véo espesso e discreto que desce entre o olhar humedecido de uma viuva e o de quem tenta devassar-lhe o pranto; na chuva que bate nas vidraças das mansardas, e forma riachos caudalosos nos sulcos do arado e nas valetas das cidades, parece, não que o espaço lança á terra o seu maná creador, mas que elle pranteia a dôr que nos visita. As ondas que tumultuam no leito do nosso rio, repetem na sua voz soturna e lamentosa os queixumes dos que das praias se não aventuram ao mar e dos que no mar se aventuram ao pelago.

E' triste, é muito triste!

Durante estes trinta dias cada recordação traz um ai; ais que a historia, o phonographo dos povos, re-

colheu outr'ora e que de vez em quando reproduz.

As agitações vulcanicas da terra, os impetos assoladores dos vendavaes, as iras destruidoras do mar, os ataques bruscos e indomaveis da tuberculose, tudo isto parece combinar-se e surgir n'este



O KHEDIVA TENFIK-PACHÁ

mez, como as flôres, o amor, o sorriso, o sol e a aragem branda e tepida se combinam na primavera.

Quem me dêra, não ser obrigado a escrever agora!

Parece, que estou destinado a illuminar o papel que percorro com a pena tremula e hesitante, quando a luz dos grandes espiritos, em vez de brilhar com todo o seu esplendor, bruxuleia, como a luz da lampada que se balouça com o vento á porta dos nichos sagrados!

Ha pouco era Sampaio que vergava a fronte para

a terra e enviava a memoria á posteridade; agora é Saraiva de Carvalho, que esfolha a ramaria das suas esperanças, não como uma arvore, que depois de erguer os troncos nus espera da seiva a nova fronde, mas como um ramo festivo em jarra custosa, e que desmaia, e se desmancha para mais não ter nem côr, nem aroma, nem symetria!...

Desgraçado mez! Temo mais pronunciar-te o nome do que os algarvios o mez de Maio!

Emfim a habilidade, a sciencia, e os expedientes providenciaes dos homens, procuraram attenuar o aspecto melancholico d'este mez com duas festas, que contentassem as duas grandes camadas sociaes: para os que bebem mal—o *S. Martinho*;—para os que bebem do fino—*as eleições*!

Assim, o dia 5 foi destinado, por uma coincidência notavel, a duas empresas, reconhecidas ha muito pelos politicos e pelos criminalistas, como as mais uteis e civilisadoras—a de exportar os degredados para a Africa e a de proceder ás eleições supplementares.

Comquanto parecesse que aquella primeira tarefa prejudicasse o exito da segunda, ha muita gente que affirma que ainda houve abundancia de galopins, libertos por emquanto da acção judicial.

O caso que principalmente interessa é o de que a imaginação popular e a de quem dirige os destinos da patria, se preocupavam o bastante eleitoralmente, para que recordasse tristes anniversarios ou tivesse lugubres presentimentos.

N'estas funcções politicas d'um paiz (e dizendo funcções não alludimos a diversões mais ou menos folgasãs) foram notados dous factos—um verdadeiramente normal—a victoria do poder em Lisboa—

e outro verdadeiramente assombroso—o empate da eleição na Madeira.

Se, porém, aquella ilha teve a ousadia de não imitar a submissão civica que distinguui as assembléas lisboenses, quanto a mim, é isso devido a não ter

a autoridade enviado os seus mais notáveis representantes ao Funchal, como os enviou aos círculos de Lisboa.

A imprevidência dos governos interessados na luta ha de ser sempre a causa unica d'estes arraganhos independentes.

Ora, assim como o ministerio enviou o sr. ministro da guerra á assembleia de Santa Catharina, e a isso se diz que deve a victoria alcançada, porque não mandou ao Funchal o sr. ministro da marinha?

É verdade que um navio de guerra pode muito bem representar o sr. Mello Gouvêa, mas o sr. Mello Gouvêa se lá fosse não matava ninguém e a corveta podia matar muita gente.

A luta de desempate vai ser uma luta originalissima; bastará lembrar que se diz á bocca pequena que o commandante da corveta leva carta de prêgo, em que pouco mais ou menos se escreveu isto:

«Aportará á ilha de Gonçalves Zarco, lançará n'ella o novo governador, com muito geito e paciência, aguardará o dia da eleição, e se a anarchia tumultuar desde o pico Ruivo até ao Ilheu de Fóra, faça-se ao largo e fuzile... as ondas —

Metta o medo que puder, mas nem uma só balla em corpo dos madeirenses, porque se o governo se arreceia dos eleitores da ilha, não ignora que elles depois de mortos não são menos temíveis...»

Vê-se, pois, que o epigramma é o unico desforço que poderá ferir os eleitores victoriosos.

Quando chegou a Lisboa a noticia do resultado do escrutinio em quasi todas as assembleas da Madeira, o nome de *Porto Santo* correu em todos os labios acompanhado de taes admirações, que bem se evidenciou quanta ignorancia existe a respeito d'aquella possessão portugueza.

Admiram-se os commentadores dos numeros já conhecidos, e os prophetas dos que haviam de ser apurados, de que fosse n'ella que o governo podia e devia fundar as suas esperanças.

Afirmava-se, com aquella inconsciencia propria de quem só afirma por ouvir afirmar, que n'aquella pequena ilha apenas dominava a influencia da autoridade, não sabemos se, porque a população da ilha tinha razões para ser grata aos partidos conservadores, se, porque das margens afastadas de *Porto Santo* não podia avistar-se a mastreação da *Estephania*.

O caso é que a propheta realisou-se e o apuramento provou que em quatrocentos votos, apenas quatro aproveitaram á opposição.

A pequena distancia da Madeira, tendo um solo fertilissimo e uma população trabalhadora, mal se comprehende que possa existir um pedaço de terra portugueza tão renitente ás idéas de progresso, ou tão grato ao abandono a que o tem votado.

D'este commentario resulta fatalmente o desejo de avaliar a importancia material e intellectual d'aquella joia que Tristão Vaz e Gonçalves Zarco engastaram no diadema glorioso do infante D. Henrique, assim como já está avaliada a sua importancia eleitoral.

A julgar pelas estatisticas de 1873 e pelas opiniões muito authorisadas de Gerardo Pery, auctor da *Geographia e estatistica geral de Portugal e Colonias*, de Souza Monteiro, auctor do *Diccionario Geographico* — e do celebre trabalho do conde Minutoli e ainda por um consciencioso livro publicado em Paris por Teixeira de Vasconcellos, poderemos afirmar que a ilha de *Porto Santo* está tão atrasada no seu desenvolvimento moral e material, quanto está qualquer das nossas mais esquecidas povoações africanas.

Pelo relatorio apresentado, ha seis annos, á junta

geral do districto do Funchal pelo governador civil da Madeira, D. João da Camara, vê-se que a ilha do *Porto Santo*, quasi desde a sua descoberta tem ficado esquecida e abandonada.

Em contraste notavel com o que succede na *Madeira*, aquella ilha não sente desenvolver-se a sua população, nem a sua agricultura se desenvolve por falta de aguas para irrigação e para consummo industrial e domestico — D. João da Camara affirmava que os filhos de *Porto Santo* eram enteados da patria — e tinha razão!

Como alvitres salvadores foram indicados, em diversas epocas, alguns que, na verdade, deviam converter em mãe carinhosa a madrastra descaroavel.

Por exemplo: o estabelecimento de communicações regulares entre a ilha e o porto de Lisboa, cousa que facilmente se obtinha, impondo essa condição suave no contracto de navegação portugueza para os portos d'Africa, e o estudo e explorações hydraulicas, de que resultassem a construcção de fontes perennes, para o abastecimento do publico, e as levadas e aqueductos tão necessarios á industria agricola.

Nada d'isto se tem feito; e aquelle povo, entrega com uma pontualidade notavel e assombrosa os contingentes dos seus recrutados para a terra e para o mar, paga de contribuição predial perto de tres contos de reis, eleva a industria á terça parte d'aquella, paga generosamente a alimentação dos seus expostos, e contribue com um conto e duzentos mil reis para kilometro e meio de estrada districtal!

Se os governos, porem, não tem dado agua e communicações á formosa ilha de *Porto Santo*, tem com ella sido prodigos em direitos políticos.

Ora vejamos:

Porto Santo representa apenas um concelho e uma freguezia da diocese e districto do Funchal; tem muito pouco mais de quatrocentos fogos e apenas uns onze ávos da sua população sabe lêr! Pois apesar de tudo isto tem mais de quatrocentos eleitores!

Comquanto notemos grande differença entre a estatística da população de 1860 e 1873, no calculo que acabamos de fazer foi devidamente considerada a diminuição incontestavel de população, em virtude da emigração para a America, que, dia a dia, mais cresce e nos inquieta.

Porto Santo é pois uma mina explorada pelos nossos governos; mas uma das minas de maior valor, pois que dá á custa do proprio trabalho, todo o precioso mineral dos seus jazigos aos seus descobridores interesseiros.

Diz a Historia, n'um dos seus capitulos lendarios, que a penna de Azurara escreveu com a maior gravidade, que quando Zarco e Teixeira voltaram á ilha em companhia de Perestrelo, levaram consigo uma coelha grávida que produziu em *Porto Santo* uma praga que devorou todas as sementeiras.

É provavel que seja essa praga que influe ainda hoje no atraso material e moral da nossa primeira descoberta no Atlantico.

Por isso, quando nos constou que o progresso tentara semear a pura democracia na formosa *Legname*, ficámos logo á espera do destroço que faria a praga de *Porto Santo*.

O progresso, n'aquelles treze kilometros de terra portugueza, durante alguns seculos, apenas conseguiu uma pequena alteração — mudou a praga dos coelhos em praga de eleitores...

Mas, a proposito de eleições: a policia quiz ter o seu S. Martinho ainda antes do dia 11, e deu um importante assalto ás casas de batota.

Um amigo meu, homem muito versado em ques-

tões de batota e policiaes, dizia-me no dia seguinte com o maior ar de convicção:

— Nas casas assaltadas ha jogo esta noite.

— Esta noite?! disse eu, com toda a innocencia de que poude revestir-me.

— Esta noite, sim, e com authorisação policial.

— Como é isso? — repliquei estupefacto.

— Bem vê, meu tonto, que só procedendo-se assim, é que a policia adquire a certeza de que n'aquellas casas não ha jogo de *parar*...

As vezes as cousas que se apresentam como raridades incomprehensíveis não passam de ser as vulgaridades mais claras e transparentes.

Por exemplo:

Um dia sahia eu dos Recreios, depois de ter assistido a uma d'essas manifestações esplendidas do genio de uma grande actriz portugueza, e echoavame nos ouvidos não sei se a ironia caustica de Lange, se os monosyllabos sêcos e frios de Thereza, se os requebros *canailles* de Dalila, o que sei é que comprehendia a personificação do genio, e sollava dos recantos da minha alma entusiasta violentas apostrophes contra a *blague* insolente de Mirbeau.

Foi então que a mim se chegou um interessante *flaneur* lisbonense e me disse com ares protectores de grande homem e palavras mysteriosas d'um vidente:

— Pertenceis á *geographica*?

— Não.

— Sois homem de sciencia?

— Muito menos.

— Quereis observar um phenomeno que a esta hora prende a attenção do mundo scientifico?

— Quero! Trata-se do cometa?

— Creança! Trata-se de cousa mais importante. Tens um telescopio, um binoculo, um monoculo? Em fim tens os olhos abertos e vêes bem?

N'este momento passou junto de nós, produzindo o *ruge-ruge* d'um vestido de seda, e occultando o rosto nos arminhos da sua capa, a actriz Lucinda.

— Attenção, me disse o gracioso; formemos uma commissão scientifica; observemos a *passagem de Venus*...

Depois d'esta phrase muito lisongeira e muito graciosa com que um rapaz de espirito honrava a belleza d'uma dama, ainda não ouvi outra que se lhe podesse comparar...

Perdão... ha ainda outra: é aquella com que o soberano portuguez acaba de honrar o corpo de caçadores 3, denominando-o *caçadores d'el rei*.

De facto, que mais illustre nome pôde desejar o heroe que inscreva as suas façanhas nas luctas da liberdade e da independencia, nos umbraes ennegrecidos do velho castello de S. Jorge, do que aquelle que o iguala ao troço dos cortejos falcoeiros, que galopavam por montes e valles atraz d'um emplumado Luiz, de França?

GOMES DA SILVA.

AS NOSSAS GRAVURAS

© Khediva Turfík-pachá

Quando fallámos de Arabi-pachá, demos aos nossos leitores uma idéa rapida do que era o Egypto contemporaneo. O retrato do actual Khediva, que publicamos agora, dá-nos ensejo de insistir de novo no caracter especial e curioso d'este paiz.

Mehemet-Ali, um dos homens mais notáveis d'este seculo, tentou arrancar o Egypto ao seu avilamento, e fazer d'elle uma nação poderosa e forte.

Não lh'o consentio a Inglaterra, e a França de Luiz Filipe, seguindo a sua politica de paz a todo o custo, depois de ter favorecido as suas aspirações, abandonou-o. Fez então um papel semelhante ao que desempenhou agora, e a Inglaterra, graças à abstenção franceza, tomou então, como tomou agora, o papel preponderante na vasta tragedia oriental.

A Mehemet-Ali succederam seus dois filhos Abbas-pachá e Said-pachá, e a este, seu sobrinho Ismail-pachá. As finanças do Egypto, deploravelmente administradas, foram de mal a prior. Ismail-pachá teve de aceitar um ministerio europeu, depois conspirou contra esse ministerio, viu-se abandonado pelos seus cumplices, e especialmente pela Porta, que o apoiava em segredo, mas que, apenas viu o aspecto que as coisas iam tomando, segundo os usos e costumes da velha politica tortuosa da Turquia, desamparou o seu vassallo, voltou-se contra elle, vibrou-lhe n'um firman insolente a mais descomposta giribanda, e o pobre homem teve de abdicar em 1879, retirando-se para Napoles, onde está residindo agora no palacio da Favorita, celebre por ter sido a predilecta residencia da famosa rainha de Napoles, Maria Carolina, e da sua «favorita» — a embaixatriz ingleza — Emma Lyona. Succedeu-lhe seu filho primogenito Tewfik-pachá. Ora Ismail tem uma mania muito curiosa. E' numerosissima a sua familia, e tem principalmente uns poucos de rapazes. Este que hoje reina — se aquillo se chama reinar, quem reina a valer é lord Dufferin — foi educado no Egypto, havendo sido confiada a sua educação aos padres musulmanos; o segundo foi educado em Paris, e é militar do exercito francez, o immediato frequentou a escola militar de Woolwich em Inglaterra; o seguinte está concluindo o curso da escola militar de Turim, e o ultimo, que é ainda um pequerrucho, destina-se provavelmente a ir frequentar algum collegio de Madrid! E' extraordinario!

O mais velho porém, como dissemos, recebeu uma educação, que não foi de certo apagada pelos resultados de uma viagem a Austria e a Italia; como todo o bom musulmano, tem muito pouco affecto aos *glaours*, e, ainda que se diz n'uma biographia sua, que é grande a sua predilecção pelos Europeus, essa affirmativa é a conclusão erronea que se tira de um facto, que se impõe fatalmente a todos os governos do Egypto, o estarem quasi todos os logares da administração confiados a Europeus. Pois nem pôde ser de outra maneira. Quem ha no Egypto que seja capaz de desempenhar qualquer logar da administração? Mas é pasmoso. Sabem quantos Europeus havia até ha pouco tempo na administração egypcia? 1:280, sendo 358 italianos, 328 francezes, 269 inglezes, 118 gregos etc.

Tewfik-pachá, que bem indica na physionomia a fraqueza da sua indole, deixou-se arrastar pela energia de Arabi-pachá, depois teve medo, recuou, tomou uma attitudde deploravel, reproduziu a scena que se passára em 1879, com a differença que d'esta vez foi elle que abandonou os outros.

Até que ponto cabe a Tewfik pachá a responsabilidade da fuga de Arabi? Não podemos saber-o, mas estamos convencidos de que havia de ser grande, porque de certo Tewfik envergonhou-se de ver partir para o exilio, captivo dos inglezes, o homem que se esforçara por dar ao velho throno dos Pharaos o prestigio e a dignidade que lhe faltam.

Um momento de distracção

Percebem pouco mais ou menos a situação, não é verdade? A boa da rapariga vinha por ahí fóra de

cesto de ovos à cabeça, scismando no resultado que podia tirar da sua venda. No meio da floresta estava um pintor. Distrahiu-se a rapariga por um instante, foi o sufficiente para que um ramo de arvore traiçoeiro lhe fizesse tombar a cesta, partindo-se os ovos, e desfazendo-se em fumo todos os sonhos que ella acariciava.

E' este um dos assumptos predilectos da phantasia da humanidade. Desde os tempos mais remotos se desenvolve em contos, em peças, em fabulas esta idéa comica.

Marquemos, por assim dizer, os pontos culminantes do itinerario d'esta tradição. Temos primeiro o *Pantcha-Tantra*, collecção de fabulas sanscriticas antiquissimas, e que já, segundo affirma Alberto Weber na sua *Historia da litteratura indiana*, eram conhecidas no sexto seculo da nossa era. Ahi se conta a historia de um pobre homem, que tinha de seu um saco de farinha. Sonhou mil coisas, mas n'isto o saco de farinha entorna-se na poeira do caminho, e lá desaparece tudo o que elle phantasiava.

Temos agora o nosso Gil Vicente. E' no auto de *Mofina Mendes* que elle nos conta o caso.¹

Mofina Mendes é uma pastora; o patrão, que se chama Payo Vaz, despede-a e paga-lhe.

Payo Pois Deus quer que pague e peite.
Tão daminha pegureira,
Em paga d'esta canceira
Toma este pote de azeite,
E vai-o vender á feira;
E quiça medraras tu,
O que eu contigo não posso.

Mofina Vou-me á feira de Trancoso
Logo, nome de Jesu,
E farei dinheiro grosso.
Do que este azeite render
Comprarei ovos de pata,
Que é a coisa mais barata,
Que eu de lá posso trazer.
E estes ovos chocarão,
Cada ovo dará um pato,
E cada pato um tostão,
Que passará de um milhão
E meio, a vender barato.
Casarei rica e honrada
Por estes ovos de pata,
E o dia que fôr casada,
Sairei ataviada
Com um brial d'escarlata,
E diante o desposado
Que me estará namorando:
Virei de dentro bailando
Assi d'esta arte bailado
Esta cantiga cantando

Estas coisas diz Mofina Mendes com o pote de azeite á cabeça, e, andando no bailo cae-lhe.

Payo Agora posso eu dizer
E jurar e apostar
Que és Mofina Mendes toda

Pessical E, se ella baila na voda,
Que está ainda por sonhar,
E os patos por nascer,
E o azeite por vender,
E o noivo por achar,

E a Mofina a bailar;
Que menos podia ser?

Vai-se Mofina Mendes, cantando.

Por mais que a dita me engeite,
Pastores, não me deis guerra,
Que todo o humano deleite,
Como o meu pote de azeite,
Ha-de dar comiso em terra.

Que deliciosa que é esta ultima quintilha, e como está magistralmente posta em acção pelo fundador do theatro portuguez a velha idéa do fabulista da India!

Atravessemos agora pouco mais de um seculo, e iremos encontrar a mesma scena, fabulizada por La Fontaine no *Pot au lait de Perrette*, que Filinto Elysio traduziu ou imitou, com o titulo da *Saloia e a bilha de leite*. Vejamos essa imitação:

C'uma bilha de leite, bem assente
N'uma sogra á cabeça, Briolanja
Pretendia á cidade
Chegar sem sorte aziaga.
Leve, e trajada ao curto,
Largas pernas dava.
Vestio simples saio,
Calçou sapatos rasos n'esse dia;
E assim arregaçada,
Sommava já na idéa
Quanto rendia o leite,
E em que empregasse a somma.
Comprava um cento de ovos,
Chocava tres gallinhas. Tudo lhe ia
A's maravilhas, pondo ella os disvellos.
Facil me é (vai gizando)
Nos redores da casa criar pintos,
Será giria a raposa, se não deixa
De tantos pintos com que compre um porco,
Que com farelo a pouco custo engordo;
E, quando uma vez medre,
E encorpe bem medrado,
Torno-o a vender, e val-me grossa chelpa;
E quem me tolhe (visto o bom barato)
Que no curral não metta
Vacca e seu bezerrinho,
Que pule e que retouce entre o mais gado?
N'isto salta a saloia, e cae a bilha.
Adeus choca, bezerra, porca e vacca,
A dona d'esses bens, ao afastar-se
De riqueza tamanha, alli tida ver,
Tristes olhos lhe põe. Vai desculpar-se
Com o marido, entre os sustos
De ser zurzida. Farças se fizeram
Do tal caso, e a saloia obteve a alcunha
Dona Bilha de Leite.
Quem ha que não desvaire ou que não trace
Torres de vento? Pyrrho ou bem Pichrócolo
E a saloia também — também nós todos.
De sizo, ou não de sizo
Sonhamos acordados.
Nada ha mais meigo que a lisonja erratica,
Que as almas nos enleva.
Nosso é quanto ha no mundo,
Todas as honras, todas as mulheres.
Só estou? Faço roncás a valentes:
N'um devaneio, expulso
O Sophi do seu throno;
Rei me elegem; adora-me o meu povo;
Vem-me á frente corças, como chuva.
Haja o menor precalço, eis que a mim torno
Torno ao que d'antes era.

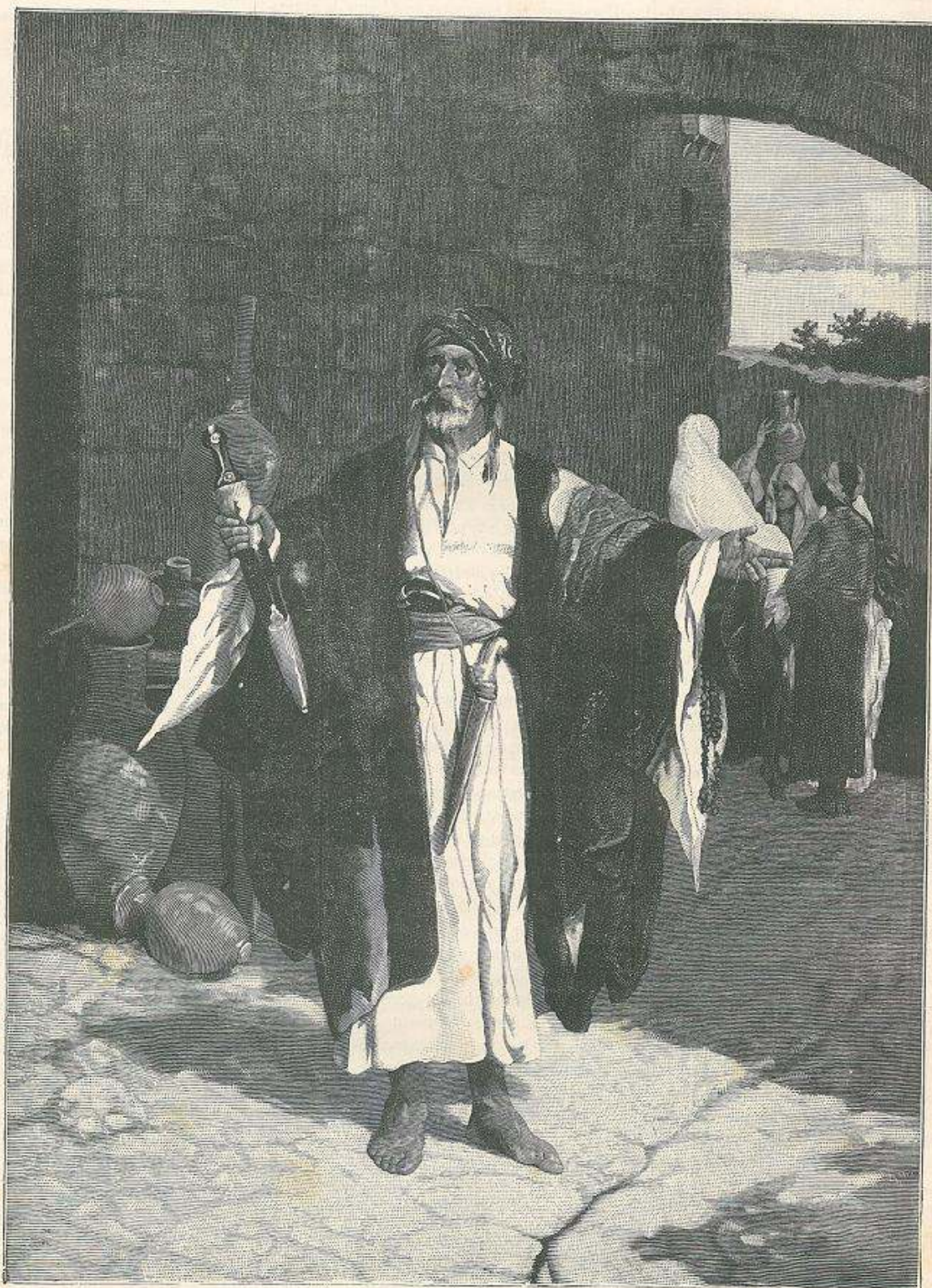
Coisa notavel. Filinto Elysio, ao traduzir esta fa-

¹ Não fallamos no monologo de *Gripus* no *Rudens* de Plauto, porque não é absolutamente semelhante, apezar de se parecer muito.

bula, e ao encher-a de notas, não disse provavelmente porque o não sabia, que Gil Vicente precedera La Fontaine, e precedera-o esplendidamente! Tal era o desdem que no século XVIII se votava á época *barbara*, como se dizia, da nossa litteratura, e a esse nacionalissimo Gil Vicente, que tivera au-

umas planicies immensas, que se estendem ao sopé do Caucaso, entre o mar Negro e o mar Caspio, interrompidas em muitos sitios por collinas, por montanhas mesmo, por pinhaes, menos vezes por aguas correntes. Offerecem em certos sitios aspectos accidentados e pittorescos, e a sua vegetação é mais ri-

baixa, tomam successivamente os aspectos mais disparelados; durante o inverno, a chuva inunda-as e transforma-as em pantanos impraticaveis; na primavera cobrem-se de uma especie de tapete de gramineas e de outras plantas herbaceas, e tornam-se então umas campinas verdejantes, onde pastam nume-



O ADELLO MUSULMANO

dacia de escrever comédias, sem ir pedir licença, modelo e assumpto aos comicos gregos, ou latinos.

**Cavallos bravos atacados por lobos
nas steppes da Russia**

A palavra «steppe» é de origem tartara, significa planicie ou campina. As steppes effectivamente são

ca e mais variada, do que geralmente se imagina. Alli se encontram campinas revestidas de uma camada de humus bastante fertil para produzir trigo em grande quantidade. Algumas d'essas steppes asiaticas são umas planicies de gramineas; outras estão cobertas de plantas salinas, carnudas, e sempre verdes. Collocadas n'uma latitude relativamente

rosos rebanhos. Emfim o verão faz-lhes soffrer terceira metamorphose, e torna-as semelhantes aos desertos ardentes da Asia e da Africa.

As steppes sustentam grande numero de animaes, pertencentes á ordem dos ruminantes, ou carnivoros. Vagueiam cavallos bravos em bandos numerosos n'essas planicies. Não devemos ver n'esses cavallos

errantes senão os descendentes de individuos que escaparam á domesticidade, e não consideram-os como representantes da raça primitiva. Mas ha todos os motivos para supôr que esses animaes, vivendo vida selvagem, voltaram a pouco e pouco ao typo primordial. Perderam a harmonia das fôrmas, o vigor,

homem que lhes dá caça, ou para se apoderar d'elles e reduzi-los á escravidão, ou para os matar e comer-lhes a carne, são quasi os unicos inimigos que teem a temer.

O lobo, que está sendo bastante raro na Europa occidental, d'onde a sua especie não tardará sem du-

obriga-os a sair de lá. Reunem-se em bandos; atacam os homens, os animaes selvagens com uma tactica sabia, tirando partido muito habilmente da disposição e dos accidentes do terreno. Em geral comtudo não se atrevem a atacar o homem, enquanto o vêem de pé; limitam-se a segui-lo, promptos a ati-



UM MOMENTO DE DISTRAÇÃO

a belleza que se admira nos cavallos aperfeçoados pelos cuidados assíduos do homem. São pequenos, de membros delgados, pello grosseiro, sem brilho e nunca raso.

Os bandos de cavallos bravos sub-dividem-se em grupos de vinte a trinta individuos. Os lobos, impellidos pela fome para fóra das florestas proximas, e o

vida a desaparecer, está ainda muito espalhado em toda a Russia, e abunda sobretudo nas steppes do Volga e do Don. Os lobos d'essa região são muito grandes e além d'isso de uma força e de uma audacia terríveis. Vêm buscar a sua presa até nas aldeias e nos acampamentos e combatem com fúria contra os seus inimigos. Vivem nos bosques, mas a fome

rar-se a elle, se tem a desgraça de fraquejar e de cair.

Os habitantes das steppes, Cossacos, Kirghiz, Tartaros, Mongoes fazem uma rude caça aos lobos, por causa dos estragos que elles lhes causam aos rebanhos. Para a caçada dos lobos, como para a caçada dos cavallos bravos, servem-se estes povos de

uma vara munida de uma comprida corda com uma laçada, que passam com maravilhosa destreza á roda do peçoço do animal que perseguem; quando o caçador consegue passar-lhe a laçada, foge a todo o galope, arrastando consigo o animal captivo.

Um adelo musulmano

É esse um typo, que se encontra frequentemente nas cidades musulmanas. Os objectos mais ricos, que se vendem habitualmente nos bazares, vão parar ás mãos d'estes adelos ou ferros-velhos, que apregão aos cantos das ruas as suas mercadorias de segunda mão.

HORAS DE OCIO

Charada

I

Faço felizes—2
E desgraçados—1
São meus poderes
Illimitados.

II

Appellido—1
Solfejado—1
Navegado—2
Recebido

III

Na agua se encontra.—2
Não pode existir—2
Na força do citio
Costuma servir.

JONATHAN.

Enigma

Homem idoso que tem
Não sei se o bom, se o mau geito
De não se mexer na cama
Sem molhar de todo o leito.

GANDAREZ.

O ARCHOTE DE PENMARC'H

LEGENDA DA BREITANHA

(Versão portugueza de Julio de Magalhães)

I

A noite estava escura, e o vento agitava violentamente as folhas das arvores. Em um vasto celloiro, pertencente a um dos mais abastados proprietarios da aldea de Penmarc'h, na Bretanha, achavam-se reunidas para o serão muitas camponesas, que costumavam ir passar ali as primeiras horas da noite com as suas roças e dobadoiras. Uma d'ellas contava sempre ás outras uma qualquer historia phantastica, que era escutada com a mais escrupulosa attenção. N'aquella noite, porém, por um acaso pouco frequente n'aquellas regiões, onde de ordinario a invenção supre sem desvantagem o esquecimento das velhas tradições, nenhuma das fiadeiras presentes achava uma legenda para contar ás suas companheiras.

De subito abriu-se com violencia a porta do celloiro, e entrou precipitadamente uma mulher já velha.

—Ai, Deus meu! balbuciou ella com voz tremula e mal segura.

E, dando todos os indícios de que se achava pos-

suida de terror profundo, deixou-se cahir prostrada sobre o primeiro banco, que encontrou.

—Que foi o que lhe aconteceu, tia Jacquelina? exclamaram quasi em côro todas as fiadeiras.

—Acabo de ver brilhar o archote de Penmarc'h! respondeu com voz sumida a velha camponesa, a que acabava de ser dado o nome de Jacquelina.

—O archote de Penmarc'h! exclamaram todas as vozes com surpresa.

E ao mesmo tempo as supersticiosas camponesas aproximaram-se instinctivamente umas das outras. O ruido produzido pelas rodas das dobadoiras e pelos fusos cessou como por encanto; durante um momento não se ouviu senão o surdo e longinquo sussurro das aguas, batendo de encontro aos penhascos.

Mais curiosa de certo do que as outras, uma das mais novas fiadeiras rompeu enfim o silencio, e atreveu-se a perguntar:

—Vi brilhar o archote de Penmarc'h, tia Jacquelina? Que quer isso dizer? que razão tem para se mostrar tão assustada?

—Ah! se soubesses, minha querida Yves... respondeu a velha Jacquelina; o que acabo de ver tem relação com uma historia horrivel!

—Sim, horrivel! repetiram algumas fiadeiras velhas, que se achavam presentes.

—Oh! conte-a, tia Jacquelina! conte-nos essa historia! exclamaram ao mesmo tempo cinco ou seis raparigas, aproximando-se cada vez mais umas das outras.

—Conte, conte! apoiou a formosa Yves, acariciando a velha Jacquelina, que já sorria.

A boa velha não podia deixar de acceder ao pedido. Levantou-se pois, foi fechar a porta do celloiro, que deixara entreaberta, voltou em seguida a assentar-se, e ficou silenciosa durante alguns momentos. As dobadoiras e os fusos puseram-se de novo em movimento, e a velha Jacquelina começou por fim a sua narração nos seguintes termos:

«Viveram em outro tempo na nossa alucia dois honestos lavradores, que eram vizinhos e amigos. Tinha um d'elles um filho, e o outro uma filha. O que tinha um filho chamava-se Eon, e Legoello o que tinha uma filha.

«Os dois vizinhos, quando ainda eram creanças os seus filhos, haviam formado o projecto de os unir por meio do casamento, e de firmar assim em bases mais solidas a amizade, que existia entre as duas familias.

«Um dia, o velho Eon foi procurar o seu amigo Legoello, e disse-lhe:

«—A herdade da tia Penbê vae ser vendida, como deves saber. A minha ideia é que o meu rapaz, quando venha a casar com a tua filha, se estabeleça na herdade e a administre; para isso, porém, preciso comprar a herdade, e, para compral-a, careço de dinheiro. Ora, se tu pudesses concorrer para essa compra com um milhar de escudos, depressa se faria a bôda.

«O velho Legoello abanou tristemente a cabeça, e respondeu que um commerciante de gado, que lhe devia uma avultada somma, acabava de ser declarado em estado de fallencia; que, além d'isto, nos ultimos tempos, havia soffrido grandes perdas, em consequencia de uma doença que grassava nos seus rebanhos, e fazia n'elles os mais lamentaveis estragos; e finalmente, que não podia de modo algum dispôr da quantia pedida, porque não a possuia n'aquella occasião, nem tinha meio algum de arranjar.

«—Pois bem; faz de conta que nada te disse, amigo Legoello, tornou o velho Eon. Com a peque-

na condição, a que acabo de alludir, não me ha de ser muito difficil achar uma outra noiva para o meu René.

«E separaram-se. O velho Eon, apoiado no seu *pen bas* (cajado), afastou-se, seguindo uma estreita e tortuosa vereda, que conduzia á sua herdade, e o pobre Legoello ficou triste e pensativo, com o corpo encostado no tronco de um olmo gigantesco, que vegetava em frente da porta da sua habitação.

«—Paciencia, paciencia... dizia de si para si Legoello suspirando; era um excellente partido para a minha querida Yvonne, que havia de ser feliz com René... O rapaz é activo, intelligente e trabalhador; ao cabo de poucos annos havia de duplicar os rendimentos da herdade da Penbê... Ah! e como eu viveria depois tranquillo e contente, por ver feliz a minha filha, cuja sorte futura tantas inquietações me causa! Estou velho, e conheço que dia a dia vou perdendo as forças; a morte pôde de um momento para o outro levar-me d'esta para melhor vida... E ficará desgraçadamente orphã e sózinha no mundo a minha pobre Yvonne, a qual achará uma tão grande difficuldade em dirigir o meu commercio de gados, como eu teria se me puzessem uma roca na cintura, e me mettessem nas mãos o fuso, que ella maneja tão bem... Ah! que infelicidade não possuir eu os mil escudos, que constituiriam a felicidade futura da minha filha, e o socego da minha velhice!...

(Continua).

A ULTIMA PAIXÃO

DE VICENTE PROSTES

(Continuado de pag. 294)

Bem-não sabia o pobre Vicente, coitado! E deante de um grande bufete coberto todo de antigos Saxos, estatuetas, corbeilles, jarrões, velhas ferrarias doiradas, *bonbonnières* com pinturas graciosas sobre metal, pequenos nadas enfim de *bric-à-brac*, ficava-se a considerar muito tempo, um espaço vazio ao centro do movel—vazio havia que tempos! Ante esse espaço em branco, onde por certo residira algum querido *bibelot* que se fôra e não podêra ser substituido, Vicente Prostès dava grandes suspiros n'essas horas de cogitar lacerante, que lhe exercebavam mais o saccudido dos gestos, e umas fúrias que tinha de monologar consigo mesmo. Recordava então a vez que sahira thesoureiro do Sacramento, em Santa Maria, ao fim de tres annos de luctas e intrigas, missas sobre missas, quotas adiantadas, donativos pelas Semanas Santas, toda uma existencia de heautimencia intencional e intimo calculo—e como um domingo de janeiro, a 27, chovia até, nas eleições da meza conseguira sahir thesoureiro, e todos a darem-lhe parabens! Ah, que alegria! que alma nova tinha circulado por elle, baqueando tumultos de vida, até lhe deixar os miolos escandecidos! Thesoureiro! Mas até generoso ficara! Eh, venha de lá uma garraforia de Porto historico, e corra vinho á saude d'este e mais d'aquelle. Já isto talvez ia em mais de vinte annos! Assim podêra soffregamente guardar como suas, todas as ricas alfaias do culto, antigas preciosidades de ourivesaria portugueza, relicarios, cruzes procissionaes, baculos, vestidos e capas constelladas de gallões e pedras, que todo o reino conhecia de fama.

E apenas tinham trazido as alfaias para o deposito, elle sem attender o antigo thesoureiro que lhe dava posse, mergulhára avido entre tamanhas

riquezas, dizendo n'um tom vacillante, cheio de gaguejos e resfolegos, a historia de cada peça, pondo-se a citar textos de doação, memorandos, chronicas, mil eruditas velharias; e quando enfim se achára só entre aquella profusa magnificencia, e podéra ver cada objecto alli chegadinho aos seus olhos, bem palpado por todos os lados com as polpas dos seus dedos, de repente a incomparavel pyxide appareceu—era de prata, perfumada de oiro, toda vestida de esmaltes e figurinhas, e um assombro de escultura, ligeirisa, movimento e graça, a deixar boquiaberto quem via.

Nunca o antiquario podéra admirar coisa mais inspirada, que essa divina pyxide com medalhões de baixos relevos sacros, onde os esmaltes deixavam maravilhosas rendas em fundo de oiro, e grupos de anjos se alavam farpando as azas esguias, em bouquets de uma prodigiosa execução.

—Que maravilha! que maravilha! dizia elle baixinho, fitando na obra os olhos abrasados.

E nos mezes que sobre o bufete incrustado, a divina pyxide residira na camaradagem dos Sevres, das estatuetas e *bonbonnieres* pintadas de miniaturas galantes, parece que uma existencia nova tinha avigorado o Protes, radiando sobre o museu de caminho, os mais phantasticos aspectos de magnificencia. Todas as manhãs descia elle com o seu passo arrastado a escada humida da collecção, n'um capote verde de gola pelluda, apoiando-se á parede com modos cautelosos, a medonha chave de carcere estendida... E apenas abria a porta, logo os seus olhos iam dar bons dias á pyxide do bufete, tão elegante no seu nodoso pé exagonal, onde os medalhões se repetiam, separados por quartellas de cinzelaria vaporosa.

Mas um dia funebre viéra! As malquerenças da cidade, certos boatos de avaresa, calumnias de furtos premeditados ou commettidos... enfim, para que repetir a feia historia que todo o mundo conhece? O janeiro seguinte já o não vira thesoureiro e senhor das alfaias. Mas a paixão da pyxide ia crescendo, crescendo todos os dias; e baldado empenho! ao tempo que redobravam na irmandade as suas intrigas para ser reeleito, o pobre emagrecia, corcova, e nas festas em que ella apparecia, perfumada de oiro e graciosamente esculpida, Vicente Protes junto do altar contemplava-a ajoelhado, extatico, n'uma d'essas voluptuosidades insaciaveis de artista, que podem vir a ser funestas, de intensas que são.

A medida que os annos corriam, esse furioso amor d'antiquario pela obra d'arte, começava a soffrer intermitencias, a dar-lhe allucinações, a ter periodos de culminancia febril, intercalados por grandes abatimentos. Por vezes, o seu poder de imaginação era tão vivo, e tão phrenetico o desejo, que se lhe affigurava possuir de repente aquella fugitiva ourivesaria, de que para assim dizer fizera sua amante. Eleições na irmandade.

Ora ainda bem! D'esta vez as suas machinacões iam sordir resultado, seria eleito novamente — e ia esfregando as mãos pergaminhosas n'um jubilo — abram as janellas dos sobrados, para que entre sol n'esta casa! — e logo de manhã descia ao museu, armado de vassouras e espanejadores de mil formas, a fim de estar tudo um brinco quando a pyxide voltasse. O diabo era porém, que mesmo prudente, o velho dera á lingua de mais, em conjuncturas diversas; e conheci-o o seu fraco de todos, contrariavam-lhe-o por isso mes-

mo. Mas a difficuldade de reaver o que perdera, trazia-lhe furioso o desejo, e Vicente Protes bramava na raiva de uma completa impotencia.

Foi assim que por duas vezes ou tres, tentou subornar os depositarios das alfaias de Santa Maria, com propostas feitas em voz timida, n'um grande mysterio de conferencias, como faria qualquer ladrão. O que elle queria era guardar o famoso vaso de particulas, servil-o, vel-o todos os dias, poder adorar-o na sua casa, longe de testemunhas, alta noite, quando o vento siffla coleras lendarias na dentuza roqueira das torres, e se ouvem as corujas a rir nos telhados do Collegio. A calumnia tinha-o porém á sua conta, e torcendo as intenções do bom homem, pozera-se a espalhar d'elle coisas deshonorosas—Diz que foi apanhado a arrombar o deposito—offereceu tantos contos ao thesoureiro novo—Que mariola, que ladrão!—Succedia passar na Corredoiira pelo entardecer, á hora dos proprietarios irem chegando á palestra refastelada das lojas; e resmungavam-lhe na esteira:

—Hum, queres alfaias? toma!

E sempre no fim das diffamações com que o vergastavam:

—Cuidado com elle. Coisa que apanhe á mão...

Mas o bom era deixal-o vir á botica da Praça, recebel-o com grande cordealidade; ha que seculos não o vemos, ingrato!... Fazer-lhe logar n'um canto, d'onde não fosse facil sahir, e alli n'uma serieidade escarninha, *espremet-o* a ver que dava. Dizia então um:

—Pois vamos ter eleições na irmandade. O thesoureiro não quer servir mais.

—Assim corre. De que se necessitava, era de uma pessoa entendida em coisas antigas, que desse valor ás alfaias, e tivesse amizade ás pratas. A pyxide é mesmo uma dôr d'alma, toda amolgada de um lado...

—Hein! toda amolgada? fazia o antiquario alongando a vista por cima dos olhos.

—E' verdade. Nunca se viu um desleixo assim!

—Homem, desde que além o Protes deixou o cargo, anda tudo a troche-moche. Não-de dar cabo de tudo, alguma vez.

—Cá por meu voto, vendia as peças de valor estimativo em quanto dão por ellas alguma coisa, e com o dinheiro amanhavamos as capellas, que inda vem a cair com a invernia. Porque ha lá coisas de se lhe tirar o chapéu. O thuribulo, que riqueza!

—Qual thuribulo! dizia o velho desdenhosamente. E' moderno, um estylo vulgar, nenhum trabalho de cinzel.

—Sim, sim, mas á pyxide...

E elle sem reprimir a sua emoção aquella palavra:

—Oh, essa!—E sacarrolhando cada syllaba de dentro:

Valle dois contos, para mais de dois, dizia com um metal de voz singular. Querendo a irmandade eu faço um grande sacrificio, superior ás minhas forças, muito superior ás minhas forças, e compro, dando o governo licença.

Em volta, disfarçavam-se risinhos perdidos. Olha o sucio! Tem a pouca vergonha de confessar que compra! Viu-se uma patifaria assim, já se viu?

—Por meu voto vendia, arengava um secco, de olhar venenoso. Antes que a roubem.

Faziam-lhe então repetir pela millesima vez a historia do vaso sagrado, como havia antigamente uma ermida de S. Salvador no sitio onde está hoje a estação, e em 1438, anno de peste, fome e guerra, dona Mellicia, da casa dos Cunhas, atacada de um

mal diabolico e desamparada dos physicos, fôra salva pelo Santo, e lhe mandara fazer em Lisboa uma lavrancia completa para os officios divinos, e doara terras e regalias á igreja para engrandecimento do culto. Todas as mais peças se tinham perdido, apenas restava a pyxide, em cujo pé uma inscripção dizia—e elle citava—ESTO MANDOV FAZER A DEVOTA DONA MELICIA DE MELLO, ANO DE MIL E III CENTOS E TRINTA OITO. Faltavam quatro esmeraldas no pé da pyxide, desde que a conhecera...

—Não admira! opinava o secco. E o velho perdia-se em conjecturas sobre o trabalho artistico da peça, onde já se presentia a era triumphal de Gil Vicente.

—Você dava então dois contos, saltava d'alli um insolente. E' porque vale dez. D'ahi, talvez um dia a apanhe de graça. Nada de largar dinheiro!

—Que? de graça?

—Sim, metta-se thesoureiro e... como da outra vez.

E como elle partia acabrunhado:

—Queres alfaias? Toma!

Estes dichotes foram correndo por todas as bocas, ganhando voga, ganhando audacia, e feitos apupos, não largaram mais o pobre antiquario.

N'um terra de provincia, homem que assim ganha os despresos, está perdido para sempre. Eis como Beja pagava o archeologo, e traduzia os seus ciúmes do habito de Christo. Nos jornaes era frequente escommungar-se o governo d'este modo—tão inepto e criminoso, que só n'esta cidade achou para condecorar, ladrões e bebedos (allusão ao deputado). Depois, a idade alquebrava-o rapidamente, ia fazer setenta e seis! E deixou de apparecer. Apenas nas grandes festas o viam tremulo, apoiado á bengala de castão negro, junto do altar onde a rica baixella reluzia. E ao entardecer sobre o mirante, como um decrepito murzhein chamando á oração, os seus cansados olhos erravam n'uma tristeza por cima de Beja, e sobre Santa Maria detinham-se com fixidez singular, saudosos da pyxide que nunca mais viria a possuir. Já não comprava, nem sahia a escursões, nem escrevia aos seus archeologos do Carmo.

A sua velha casa mesmo, envelhecera mais, se é possível, porquanto nas juntura das janellas fechadas desde muito, verdejava a herva como n'um prado; pendia em espiguilhas sobre a cimalha o arroz dos telhados; e pelas paredes tortuosas, rompendo esfoladuras de argamassa, os pedregulhos da muralha, agrediam d'onde a onde. Quando uma vez correu estar de cama o pobre antiquario, tolhido e cardíaco, passava de quatro mezes. No segundo domingo de Pascoela, sahio o Viatico em grande pompa, conforme o uso, aos entrevados das freguezias; no rol dos que sollicitavam tal repasto, leu o parochio de Santa Maria, o nome de Vicente Protes. Já passava de tres dias que o misero, no pittoresco dizer popular, *fazia rabo de gato*, venho a dizer, agonisava.

Já se dizia que fôra bom diabo, esse velho. E muitos tinham pena. Coitado, fizemos-lhe injustiça!... A procissão avançava entre foguetes e phylarmonicas; e o velho sobreexcitado, ouvia da cama esses ruidos de festa, resando baixo as suas orações.

Depois, elle não pdeu bem perceber, o rumor foi crescendo, houve um abalo na porta da entrada, passos na casa de fóra, gente que subia, algasarra na rua; e como n'um prodigio algum santo que apparece em extasi, assim foi visto no quarto d'elle o prior em grandes vestes de damasco e oiro, nimbadado entre clarões de cyrios e fumos de incenso que rolavam, tendo nas mãos a pyxide maravilhosa. Vi-

ram de repente o velho sair da cama com olhos vitrosos, n'uma asphyxia horrivel, ir contra o prior de braços estendidos, atrozmente esquelético e livido, para lhe arrancar o vaso violentamente...

—Ainda, disse—dou cinco contos, dez... vint... E baqueou no chão vomitando espuma, enquanto a pyxide rolava, por toda a casa entornando as hostias consagradas.

FIALHO DE ALMEIDA.

SCENAS DA VIDA DO MEXICO DONA EVORNIA

POR

LUCIANO BIART

VI

(Continuado de pag. 282)

Observando aquelle rosto pallido, apertando nas minhas aquellas mãos, que o amor fizera criminosas, eu espreitava todos os symptomas da febre, para

eu encontrava sempre Evornia ao pé da janella do quarto, immovel, absorvida, passava horas inteiras a ver correr as nuvens no ceu, a seguir o vôo das aguias, que pairando sobre os pincaes da cordilheira, descreviam circulos enormes, e perdiam-se a pouco e pouco nas alturas.

Mas o que era feito das «sementes animadas?» Pobres sementes! dormiam na caixa, em que outra vez as colloquei, e que nunca mais tive logar nem coragem para abrir. Uma vez—acabava eu de ver Evornia comer com appetite—entrei em casa satisfeito, com o espirito livre de cuidados. Sacudi a minha meza de trabalho, em que nem sequer a minha governante teve licença de pôr a mão; sentia-me bem disposto, e preparei-me para recommençar á tarde os meus estudos e trabalhos.

Quando acabei as visitas, que tinha de fazer depois do meio dia, e me julgava completamente livre, entregaram-me uma carta, em que o juiz me pedia que passasse por sua casa. Havia tres semanas que eu tinha esquecido os homens, as suas pai-

brã, e com que tambem matára o proprio filho. Aquella, que eu tinha visto poucas horas antes, pallida, triste, arrependida, aniquilada, era conquista minha, um bem que me pertencia. Fui eu quem lhe restitui as pulsações ao coração, o pensamento ao cerebro, os movimentos ao corpo. Evornia era obra minha, era minha acção, minha filha—e o juiz friamente, com um ar quasi amavel, agradecia-me ter-lhe conservado uma victima, um alimento para o seu sacrificio!

Das nove da noite ás cinco da manhã, passei pelo meu gabinete amontoando uns sobre outros os projectos mais extravagantes. Pensei em levar Evornia para minha casa; a minha porta era forrada de ferro; as minhas janellas tinham grades tão fortes como as de uma cidade, eu podia sustentar um cerco. O povo em geral não gosta da policia; tomaria o meu partido, se me quizessem forçar a entrada de casa; mas depois?

Ocorreu-me tambem a ideia de vir para a Europa. N'uma palavra, nada mais facil do que roubar



CAVALLLOS BRAVOS ATACADOS POR LOBOS NAS STEPPES DA RUSSIA

jogo os combater e dominar. Era meu unico desejo arrancar á morte uma creatura, que eu tanto estimava. E consegui.

Quinze dias depois da scena pathetica, que escrevi, e cujos resultados surpreenderam toda a gente, Evornia estava livre de perigo. Um dia de manhã, quando o sol principiava a subir no horizonte, a pobre viuva fitou-me com uns olhos espantados. A janella do quarto estava aberta, fluctuavam no azul do ceu pequenas nuvens cor de rosa; Evornia olhou para mim em silencio. Eu tinha o fado em desalinho, a barba inculta, o rosto emmagrecido. Ella pronunciou o meu nome, e estendeu-me a mão; eu quiz fallar, e só pude balbuciar.

Ao cabo de uma semana, levantou-se a doente. Foi necessario participar-lhe immediatamente a morte do filho, missão em que fui ajudado pelo seu director espirital. A dor de Evornia foi muda.

—Que havia de elle ficar fazendo na terra? disse-me ella, em quanto lhe deslissavam pelas faces lagrimas ardentes e copiosas; depois acrescentou: Eu não merecia ser mãe, tudo o que Deus faz é por melhor.

De manhã e de tarde, ás horas das minhas visitas,

xões, rancores e tribunaes. Evornia estava salva, o meu coração batia com orgulho sempre que eu me lembrava d'isso. Sorri quando o juiz me deu os parabens por aquella cura, que elle qualificou de maravilhosa; mas empallideci ouvindo-o agradecer-me, em nome da sociedade, ter entregado um criminoso á justiça e ao castigo.

A colera, a surpresa, o pismo, a indignação, os sentimentos mais avessos e encontrados me invadiram a alma, ao escutar aquella declaração. Limitei-me comtudo a curvar a cabeça; podia responder cem coisas, mas não estava senhor de mim. Voltei para casa a toda a pressa, e cabi prostrado diante da meza, que com tanto amor preparára de manhã. Pois quê? Ter tratado Evornia durante quinze dias e quinze noites, espreitando as insidias da doença, da loucura, da morte, afim de combatel-as, destruil-as, vencel-as, e tudo isso para um homem, em nome da justiça e da sociedade vir declarar-me que aquella existencia humana, conquistada pela sciencia, lhe pertencia de direito!

Evornia, a Evornia da noite funebre, do ciúme apaixonado, do crime—se assim o quizerem—essa tinha morrido do golpe que inconscientemente vi-

Evornia. Uma vez que a viuva se achasse a bordo de um navio estrangeiro, ainda que fosse mercante, a justiça mexicana fecharia os olhos, e a sociedade faria outro tanto.

Aos expedientes violentos, inexecuveis succederam pouco a pouco no meu espirito as soluções rasoaveis, filhas da reflexão. Eu conhecia o presidente da republica, o integro Comonfort. Era um homem brando, humano, que apenas subiu ao poder soube perdoar aos inimigos. Elle conhecia os meus trabalhos, e havia de attender ás minhas supplicas, escutar os meus rogos, conceder o perdão de Evornia. Eu reforçaria o meu pedido com os dos ministros de França, de Inglaterra, de Hespanha, e com o do decano do corpo diplomatico, o ministro de Guatemala, um velho de oitenta e cinco annos. O arcebispo do Mexico, a quem dediquei a minha memoria sobre o principio assucarado do *raphanus sativus niger*, apresentaria o requerimento, se fosse preciso. A sua casa era um logar de asylo; em ultimo extremo eu levaria Evornia para lá!

(Continua).